



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO**

Marcos Antonio da Silva Filho

**“Meu teste de HIV deu positivo. E agora?”: tradução comentada  
de um texto digital informativo sobre saúde sexual**

Fortaleza/CE

2021

Marcos Antonio da Silva Filho

**“Meu teste de HIV deu positivo. E agora?”: tradução comentada  
de um texto digital informativo sobre saúde sexual**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Professora Orientadora: Dra. Janine Soares de Oliveira

Fortaleza/CE

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Filho, Marcos Antonio da Silva  
"Meu teste de HIV deu positivo. E agora?" : tradução  
comentada de um texto digital informativo sobre saúde  
sexual / Marcos Antonio da Silva Filho ; orientadora,  
Janine Soares de Oliveira, 2021.  
53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS,  
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Estudos da tradução. 3. Tradução  
comentada. 4. HIV. 5. Aids. I. Oliveira, Janine Soares de  
. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Letras LIBRAS. III. Título.

## RESUMO

O presente trabalho é uma tradução comentada do português para a Libras de uma publicação em formato "carrossel" com 10 imagens na rede social digital Instagram, publicada pelo perfil "#PrecisamosFalarSobreIsso". As imagens em sequência apresentam diversas informações relacionadas ao vírus da imunodeficiência humana (HIV), focando em como proceder frente a um diagnóstico positivo. Associado a isso, discutimos a acessibilidade da população surda ao conteúdo digital e às informações de cuidados à saúde, principalmente a saúde sexual. De modo a refletir o impacto de uma tradução comentada na formação do tradutor e, dado o assunto-foco, no caminho para uma sociedade mais acessível aos surdos, realizamos nosso processo tradutório com base na abordagem funcionalista de Christiane Nord (1991), a qual distribui fatores intratextuais e extratextuais para tal. Nos debruçamos sobre a tradução audiovisual, área recente dos Estudos da Tradução, ligada com os letramentos imagéticos da sociedade contemporânea. Após a tradução do texto fonte, foi realizado um processo de edição, durante o qual as imagens da publicação original foram alteradas para se tornar vídeos onde o conteúdo em português foi substituído pela tradução do autor. Os comentários realizados refletem sobre as decisões tradutórias feitas pelo tradutor e como isso impactou o produto final da tradução. Durante a confecção deste trabalho, percebeu-se a importância profissional de realizar uma tradução comentada, ainda mais quando esta é associada a um texto fonte digital. A área de tradução audiovisual segue em expansão, assim como o mundo digital, por isso este trabalho está de mãos dadas com uma caminhada em busca de novos estudos e novas possibilidades para um acesso mais justo das pessoas com deficiência.

**Palavras-chave:** estudos da tradução; tradução comentada; libras; acessibilidade na saúde; HIV; Aids.

## RESUMO EM LIBRAS

Link de acesso: <https://youtu.be/aNblwWx7BQU>



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Aids	Síndrome da imunodeficiência adquirida
Anvisa	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISTs	Infecções sexualmente transmissíveis
LC	Língua de chegada
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua de partida
ONU	Organização das Nações Unidas
SUS	Sistema Único de Saúde
STF	Supremo Tribunal Federal
TAV	Tradução audiovisual
TI	Tecnologias da informação
TILS	Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais
UTI	União Internacional de Telecomunicações

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de Holmes para a ET .....	17
Figura 2 – Novo mapeamento dos Estudos da Tradução .....	17
Figura 3 – Sequência de imagens do texto fonte .....	28
Figura 4 – Capturas dos vídeos de Leo Castilho no Instagram .....	32
Figura 5 – Tradutor em cenário de fundo branco e vestimenta preta .....	35
Figura 6 – Vídeos gravados com tradução .....	36
Figura 7 – Imagem do texto fonte e versão com tradutor .....	37
Figura 8 – QR code de explicação da primeira estratégia tradutória para “indetectável” .....	39
Figura 9 – QR code de explicação da segunda estratégia tradutória para “indetectável” .....	39
Figura 10 – QR code de explicação de datilologia .....	40
Figura 11 – QR code de explicação de modulação .....	41
Figura 12 – QR code de demonstração do funcionamento de um “carrossel” do Instagram ..	41
Figura 13 – QR code do produto final da tradução, publicado no Instagram .....	42

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
	Justificativa.....	9
	Objetivos.....	11
<b>1</b>	<b>SURDOS E ACESSIBILIDADE.....</b>	<b>12</b>
	1.1 Acesso da pessoa surda à saúde e à informação.....	12
	1.2 Os tabus em torno das ISTs e do HIV/Aids.....	14
<b>2</b>	<b>ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
	2.1 O Tradutor Intérprete de Língua de Sinais (TILS).....	20
	2.2 Tradução comentada.....	21
	2.3 Tradução funcionalista.....	22
	2.4 Produção em vídeo e tradução audiovisual.....	23
<b>3</b>	<b>TEXTO FONTE.....</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
	4.1 Pré-tradução.....	31
	4.2 Tradução e pós-tradução.....	35
<b>5</b>	<b>COMENTANDO A TRADUÇÃO.....</b>	<b>38</b>
	5.1 Indetectável = intransmissível.....	38
	5.2 Datilologia.....	40
	5.3 Modulação.....	40
	5.4 Nos moldes do texto fonte.....	41
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem origem em questionamentos do autor sobre dois temas que, a princípio, parecem distintos (mas não deveriam ser): a população surda e os cuidados relativos à saúde sexual e às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Realizar uma tradução comentada de um texto informativo sobre como agir após um diagnóstico positivo para o vírus da imunodeficiência humana (HIV) é nosso principal objetivo, tendo no horizonte a possibilidade de acesso por pessoas surdas a este conteúdo e outros inseridos no mesmo prisma. Esta discussão, vale lembrar, permeia o questionamento da necessidade de práticas como este trabalho para ampliar o acesso destes indivíduos a informações outrora “comuns” aos ouvintes e, portanto, facilitar aspectos cotidianos.

O Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indica haver cerca de 9,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva no Brasil, muitas das quais necessitam da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para se comunicar e, como resultado, conviver em sociedade. O principal decreto em vigor que ampara este grupo social é o de n.º 5.626, publicado em 22 de dezembro de 2005, o qual regulamenta a lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, possibilitadora da Libras e de seu uso. A aplicabilidade desta língua é efetiva quando não somente os surdos a utilizam, mas toda a sociedade. Assim, se fazem necessários os intérpretes e tradutores com formações de qualidade.

A profissão de Tradutor e Intérprete de Libras é regimentada por meio da lei n.º 12.319, de 1.º de setembro de 2010. A qualificação destes profissionais em diversas conjunturas comunicativas, segundo a lei, é necessária para reforçar a garantia de acessibilidade aos surdos. Por isso, a caminhada de formação de um tradutor deve perpassar não somente a língua, mas também outros processos de aprendizagem, como a tradução comentada, ferramenta que engloba a tradução em si, a reflexão do processo e os comentários pessoais. Como analisa Rossi,

Nas publicações em que o objeto de estudo são traduções e que envolvem suas respectivas análises, o uso de comentários faz-se relevante enquanto estratégia para fomentar a investigação das práticas do tradutor, em que estão focadas em examinar o processo de tradução e as respectivas escolhas tradutórias. Assim, percebemos que traduções comentadas são essenciais para contribuir com a formação de tradutores, em que se valoriza o desenvolvimento de competências, habilidades e consequentemente suscitando profissionais melhor qualificados (ROSSI, 2018, p.16).

Nesta tradução, nos debruçaremos sobre uma série de imagens publicadas na rede social digital *Instagram* com informações fundamentais para quem teve um recente diagnóstico de HIV. Para a realização da tradução, nos guiamos com o seguinte

questionamento: como realizar uma tradução audiovisual de modo a expandir o acesso das pessoas surdas à informação e aos serviços de saúde? Ainda, utilizamos o aporte teórico fornecido por Christiane Nord (1991), com sua Teoria Funcionalista, associado ao processo tradutório com comentários e observações feitos pelo tradutor. Foram analisadas também as escolhas tradutórias que surgiram durante a caminhada tradutória. Isto ocorreu por motivos descritos e justificados na seção 1 desta introdução, e mediante as perspectivas abordadas na seção 2.

Tem-se no capítulo 1 a discussão, em seções diferentes, sobre o acesso dificultoso de pessoas surdas aos serviços de saúde, resultado da segregação destes indivíduos e da necessidade de produção de materiais informativos em Libras; e as ISTs, incluindo o HIV, e os tabus que sobre elas incidem. O segundo capítulo explana de forma sucinta os Estudos da Tradução, as relações entre traduzir e interpretar, a tradução comentada enquanto gênero, a teoria de Nord, a produção de vídeos educativos e a tradução audiovisual. Informações, características e detalhes do texto fonte são incluídos no terceiro capítulo. Em seguida, visitamos o processo tradutório através do capítulo 4, focado em duas etapas que compreenderam pré-tradução, tradução e pós-tradução. Comentários do autor sobre texto fonte, texto alvo e elementos relacionados são abordados e debatidos no capítulo 5 e, por fim, considerações finais estão tecidas no último capítulo.

## Justificativa

Esta tradução comentada é resultado de uma experiência pessoal do autor, que, com o tempo, percebeu ter percepções errôneas sobre as ISTs e sobre saúde sexual e, de forma similar, se deparou com outras pessoas que nem mesmo estavam cientes da possibilidade de tratamento de algumas destas infecções. Notou-se, assim, a pobre circulação de informações atualizadas e checadas acerca de tais temas. O principal questionamento resultante dessa experiência, à época, foi: “se o assunto é tão pouco discutido entre a comunidade ouvinte, como é então entre os surdos, que há tempos lutam para ter acesso a informação?”

Em termos de teoria, podemos focar na adolescência, faixa etária “caracterizada por acentuadas transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e também sociais” (ALMEIDA et al., 2017), para argumentar como a saúde sexual é um tema de pouca discussão. Em pesquisa conduzida por Almeida et al. (2017), 22 adolescentes maranhenses entre 16 e 19 anos de idade foram entrevistados quanto às suas percepções relativas às ISTs e à gravidez. Percebeu-se que os entrevistados tinham concepções primitivas sobre os temas,

como associar saúde reprodutiva exclusivamente ao uso de preservativo e ao adiamento da vida sexual, e desconhecer as formas de transmissão do HIV e relacionar esta infecção a comportamentos de risco, como sexo desprotegido com muitos parceiros. “O desconhecimento dos riscos, a desinformação e a falta de programas de prevenção na maioria das escolas brasileiras são fatores que favorecem o aumento do número de adolescentes” com HIV e outras infecções (ALMEIDA et al., 2017, p.7). Quais seriam os resultados obtidos por esta pesquisa caso os 22 adolescentes fossem surdos?

Vale pontuar que a comunidade surda tem direito a “atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas” por parte dos serviços públicos de saúde, conforme estabelecido em 22 de dezembro de 2005 pelo decreto n.º 5.626, mencionado anteriormente. Porém, a realidade não é tão simples para estes indivíduos: autores apontam que os surdos enfrentam, devido à união entre desinformação e barreira linguística, condições de acesso à saúde tão precárias quanto os ouvintes. Estes levantamentos são esmiuçados no capítulo 1 do presente trabalho. Quanto à barreira linguística considera-se relevante lembrar que o ser humano é constituído enquanto integrante de uma sociedade e como criatura única por meio da língua, que também o auxilia na compreensão de mundo, em reflexões singulares e na participação dentro de um todo (ROSSI, 2018). Especificamente sobre Libras, Sobral (2008) diz que:

A Libras, como todas as línguas, usa recursos de expressão simbólica de objetivação e apropriação do mundo pelos seres humanos que não a matéria sonora, e não apenas serve a todas as necessidades expressivas de seus sujeitos como permite os processos de subjetivação — cognitivos, sociais, políticos, ideológicos, etc. (SOBRAL, 2008, p.127).

Tendo em vista as problemáticas supracitadas e o desejo do autor de contribuir indiretamente para a melhoria na qualidade de vida da população surda, esta tradução comentada se justifica como uma contribuição no árduo caminho em direção à devida participação desta minoria social na sociedade e, pensando no foco deste trabalho, ao acesso destes a equipamentos de saúde. Há de se considerar, também, o impacto que esta tradução comentada terá no tradutor enquanto profissional, pensando não somente na relevância da temática, mas também no teor social proveniente do trabalho. O modo de fazer da tradução comentada proporciona a possibilidade de reflexão por parte do autor, fazendo-o pensar não somente no material a ser alcançado, mas também nas suas próprias decisões, e depreendendo a intenção do gênero (conforme capítulo 2).

## Objetivos

Nosso principal objetivo é realizar a tradução Português–Libras de uma sequência de imagens, de título “Meu teste de HIV deu positivo. E agora?”, publicada na rede social digital *Instagram* e comentar o processo tradutório enquanto uma experiência formativa para quem está traduzindo e para o público-alvo do referido material. Acreditamos que, por meio deste trabalho, espera-se refletir como a tradução audiovisual (elaborada no capítulo 2, seção 4) pode ser pensada de modo a expandir o acesso a informações da saúde. Ou seja, o objetivo geral da presente pesquisa é: realizar e refletir sobre uma tradução audiovisual comentada de modo a contribuir para o acesso das pessoas surdas à informação e aos serviços de saúde.

Os objetivos específicos do presente trabalho foram: colaborar na formação do autor, tendo em vista as atividades demandadas não somente pelo tipo de gênero trabalhado, mas também pela produção acadêmica; problematizar os temas centrais da pesquisa, que envolvem a acessibilidade da população surda e a saúde sexual; refletir sobre os possíveis horizontes da tradução audiovisual enquanto mantenedora de novas perspectivas tradutórias e educativas; e colaborar com futuras traduções e trabalhos inseridos em perspectivas, propostas e conjunturas semelhantes ao nosso. Sendo assim, os objetivos específicos consistiram em:

1. Buscar compreender a questão do acesso à informação das pessoas surdas na área de saúde;
2. Investigar as principais características das traduções audiovisuais e suas possíveis contribuições para divulgação de informações às pessoas surdas;
3. Refletir sobre as etapas e a descrição da tradução comentada enquanto tradutor em formação.

## 1 SURDOS E ACESSIBILIDADE

Neste capítulo serão apresentadas as pesquisas e reflexões sobre o acesso (ou a falta dele) de pessoas surdas aos serviços de saúde, relevância da produção de materiais informativos em Libras, bem como a temática das ISTs, incluindo o HIV, e os tabus que incidem sobre elas.

### 1.1 Acesso da pessoa surda à saúde e à informação

Em um mundo repleto de informação, signos e esquemas comunicacionais, uma questão deve ser constantemente levantada: quem tem acesso a estes conteúdos? As pessoas surdas são os sujeitos-foco deste trabalho, tendo em vista vivências deste grupo social minorizado, quando, devido a barreiras linguísticas, não podem, por exemplo, entender determinado texto científico porque o material não está disponível em Libras, ou até mesmo ter uma consulta médica, pois a equipe do local de atendimento não está preparada para tal demanda. Assim, a população surda é enquadrada como pessoas com deficiência frente a tais experiências sociais; as políticas públicas, notadamente aquelas ligadas à questão linguística; e a documentos legais definidores (citados na introdução deste trabalho). Além de deficientes sensoriais, Witches (2021) analisa que os surdos, “graças às peculiaridades linguísticas, são consideradas culturalmente diferentes” (WITCHES, 2021, p. 2). Witches (2021) e Maciel (2000) ponderam a estruturação da sociedade e das diretrizes incidentes nas pessoas com deficiência como possibilitadores de segregação destes indivíduos e de uma maior dificuldade que têm em acessar e gozar de direitos e privilégios que aqueles sem deficiência utilizam sem hesitação.

A complicação no acesso a um serviço de saúde pode ser constatada em pesquisa realizada por Tedesco e Junges (2013), que, ao entrevistar parte da equipe de uma unidade pública de Porto Alegre, perceberam o uso de alternativas comunicativas por parte dos trabalhadores de saúde para a escuta de pessoas surdas, uma tentativa infrutífera, segundo os autores, pois “provoca angústia e ansiedade nos profissionais, impedindo uma atitude verdadeira de diálogo e acolhimento” (TEDESCO; JUNGES, 2013, p. 4). Outro estudo, por Lessa e Andrade (2016), entrevistou 30 pessoas surdas de perfis e localidades diversas quanto às suas experiências com atendimento hospitalar. A “maioria absoluta” pontuou a Libras como indispensável para o relacionamento entre surdos e agentes sanitários; 73% nunca foram atendidos com a língua de sinais brasileira; 53,33% relataram que sua ausência resultou

em falha/falta de comunicação; apenas 26,67% foram atendidos por profissionais de saúde com conhecimento em Libras; metade voltou para casa sem atendimento. As pesquisadoras entendem como fundamental a aliança entre o uso de Libras com o atendimento humanizado, sendo, portanto, necessárias profissionalizações, treinamentos e atualizações dos profissionais da saúde em se tratando do atendimento da população surda (LESSA; ANDRADE, 2016).

No entanto, é fato que acessar os equipamentos e as ferramentas da sociedade é um direito da população surda brasileira. O decreto n.º 5.626 determina a garantia, por parte dos serviços públicos de saúde, da “atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas”, entre outras questões relacionadas à pessoa surda (BRASIL, 2005). Apesar disso, a demanda do decreto parece não ser atendida tendo em vista o funcionamento dos próprios órgãos e repartições do âmbito federal, como o Ministério da Saúde: analisando campanhas publicitárias desta autarquia, Henrique (2017) constatou que pessoas surdas e/ou com baixa escolaridade têm dificuldade em compreender as mensagens transmitidas, “logo os objetivos de promover a saúde, ou contribuir para as mudanças em saúde, não estão sendo atingidos” (HENRIQUE, 2017, p.153). O autor chegou a esta percepção através de pesquisa qualitativa e exploratória com 31 surdos entre 18 e 68 anos que opinaram sobre 30 campanhas de saúde. Estes indivíduos afirmaram que “a temática, a escrita e a imagem muitas vezes não condizem com o objetivo” dos objetos de estudos que, além disso, foram todos apresentados em Língua Portuguesa.

Para complementar o raciocínio, considera-se relevante também mencionar que o decreto n.º 5.626 estabelece (BRASIL, 2005): ações de prevenção e desenvolvimento de programas de saúde auditiva; orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa; atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação; e apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação.

Consideramos de suma importância a abordagem das problemáticas citadas para o entendimento das vulnerabilidades que incidem nas pessoas surdas no Brasil quando se trata de um direito básico e fundamental como a saúde. Para darmos continuidade ao raciocínio, é necessário elaborar ainda um setor mais específico, o da saúde sexual. Na próxima seção, entenderemos mais sobre as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e quais relações e cruzamentos ocorrem com os surdos e as questões já mencionadas.

## 1.2 Os tabus em torno das ISTs e do HIV/Aids

Para a análise em questão, é fundamental o entendimento relativo às ISTs e aos tabus que as rodeiam. Segundo o *website* do Ministério da Saúde dedicado a este tema, as ISTs podem ser transmitidas através de relações sexuais desprotegidas com indivíduos infectados, durante a gestação e, menos recorrentemente, por meio do contato com mucosas e secreções contaminadas (SAÚDE, 2021). Algumas delas são: cancro mole, gonorreia, clamídia, sífilis, tricomoníase e a síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids), causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV). Em relação a esta última, é senso comum a associação da síndrome com o vírus; a diferenciação entre Aids e HIV é feita pelos autores:

Ninguém pega AIDS. O que se contrai é o Vírus da Imunodeficiência Humana, o HIV. Um indivíduo que contrai HIV pode vir a nunca desenvolver a AIDS, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, se fizer o tratamento correto. Não existe cura para a infecção por HIV e, depois que o vírus é adquirido, a adesão ao tratamento, com a Terapia Antirretroviral (TARV), é fundamental para assegurar uma boa qualidade de vida, suprimindo a carga viral no organismo (que pode chegar ao nível indetectável) e reduzindo as possibilidades de transmissão (GANTOIS; LEMOS; BRISA; LACERDA, 2018).

Entre 2007 e junho de 2020, 342.459 casos de HIV foram notificados ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), segundo Pereira et al. (2020). Os indivíduos soropositivos enfrentam, desde a testagem, a estigmatização do HIV/Aids. Herek (1999) classifica os estigmas relativos à infecção como *instrumentais* e *simbólicos*. A primeira forma está relacionada à associação de qualquer doença letal e/ou transmissível a medo e apreensão, enquanto o segundo diz respeito ao uso da IST para expressar atitudes negativas em direção aos grupos sociais e estilos de vida comumente associados à infecção, como homens gays (HEREK, 1999). O estigma também afeta indivíduos vinculados a soropositivos, como voluntários, cuidadores, familiares, amigos, etc. Neste caso, acontece um fenômeno que pode ser denominado *estigma de cortesia*, estudado inicialmente por Goffman (1963) e tratado sob o prisma do HIV/Aids por Herek (1999).

Os estigmas geralmente resultam em atos discriminatórios, como restrições de doação de sangue (WANG, 2018). No Brasil, por exemplo, apenas em maio de 2020 o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou inconstitucionais normas do Ministério da Saúde e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) “que excluía[m] do rol de habilitados para doação de sangue os ‘homens que tiveram relações sexuais com outros homens e/ou as

parceiras sexuais destes nos 12 meses antecedentes”<sup>1</sup>. Isso, no entanto, não significou o fim integral do impedimento destes indivíduos no momento de doação sanguínea: pesquisa documental e bibliográfica conduzida por Costa e Bahia (2020) mostrou que, apesar do posicionamento do STF, outras diversas camadas da sociedade brasileira devem passar por processos de reconhecimento de seu preconceito estrutural, “haja vista que a lei e os provimentos jurisdicionais são insuficientes para desconstruir estruturas sociais que privilegiam a exclusão e a desigualdade de pessoas em razão” de orientação sexual e/ou identidade de gênero (COSTA; BAHIA, 2020, p. 23).

Em estudo de suma importância para este trabalho, Bento (2005, p. 95) acompanhou nove surdos jovens e os entrevistou em relação às suas percepções individuais acerca de temas como sexo, sexualidade, ISTs e uso de drogas. A autora percebeu, ao fim da análise, que os sujeitos entrevistados têm “ideia simplista e ingênua sobre estas questões, cravadas de preconceito e tabu, mitos e crendices, além de certo grau de desinformação ou inadequação da informação”. Além de entrevistar, Bento também atuou de maneira a atualizar e ensinar os indivíduos acompanhados sobre os temas debatidos, através de pressupostos teóricos de Paulo Freire (BENTO, 2005). O que se percebe por meio desta revisão de literatura, apesar de seu *corpus* limitado, é que a população surda, quando comparada à ouvinte, enfrenta uma barreira além da “fumaça” que rodeia a saúde sexual e as infecções sexualmente transmissíveis: a inacessibilidade dos conteúdos disponíveis. Lima (2020) sintetiza:

É possível observar, por meio de estudos, o não reconhecimento dos surdos acerca da ampla diversidade das ISTs, além do desconhecimento dos agentes causadores das doenças; é possível identificar o desconhecido quanto aos tratamentos, bem como sintomas, tratamento, profilaxia e prevenção, evidenciando a carência de informações acerca da temática (LIMA, 2020, p.31).

Com base nestas pesquisas, considera-se que a produção de material informativo na área de saúde em Libras é relevante para as pessoas surdas. Além disso, tendo em vista os movimentos para disseminação de informação em linguagem acessível nas redes sociais, é possível aproveitar os recursos digitais nestas comunicações traduzindo para Libras conteúdos que já estão disponíveis, de modo inclusive a incentivar seus produtores a disponibilizarem a informação também para as pessoas surdas.

---

<sup>1</sup> Um resumo das sessões do Plenário do STF, incluindo ação judicial de origem e falas dos ministros, está disponível em: <http://bit.ly/38Eu8en>. Vale pontuar que esta publicação do STF utiliza o termo “doenças sexualmente transmissíveis”, considerado cientificamente e socialmente incorreto para referir-se às *infecções* sexualmente transmissíveis (SAÚDE, 2021). Isso ratifica os argumentos anteriores sobre a imperícia das esferas do Poder Público em relação à saúde pública.

## 2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A tradução é importante para a vida humana porque a língua também o é e existem múltiplas possibilidades de manifestações linguísticas. Portanto, faz-se necessária uma explanação dos aportes teóricos que validam isto. Começamos com a conceituação da palavra “tradução”. Um significado prático, retirado de um dicionário digital, é: “ação de passar para outra língua” (TRADUÇÃO, 2020). Se pensarmos no sentido etimológico, o verbo no infinitivo “traduzir” tem origem no latino “traducere”, que significa “passar de um lado ao outro” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2011). Um bom exemplo da necessidade da prática da tradução pode ser encontrado na Bíblia. O episódio da torre de Babel, incluído no texto de Gênesis, mostra um agrupamento de pessoas que falava uma única língua e foi “confundido e afastado” por Deus em vários povos com várias línguas.

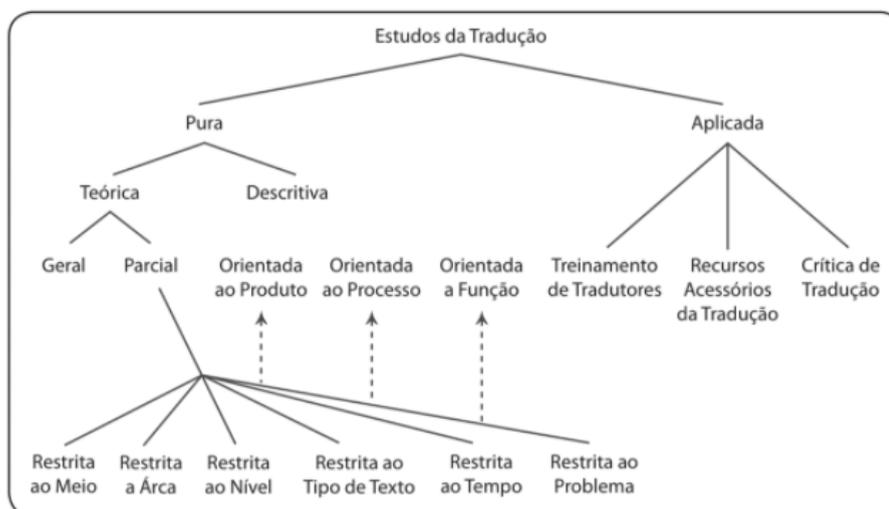
Guerini (2008) afirma que “a tradução é necessária porque os seres humanos falam diferentes línguas e também porque ela está presente em diferentes situações”, o que nos leva a acreditar que a existência de múltiplas línguas e a tradução são fatores que coexistem. Como estabelecer comunicação com estas outras culturas linguísticas, se não através da tradução? Esta é a razão da mesma: fazer uma mensagem ser compreendida em outra língua (ou na mesma), possibilitando a comunicação. Por meio desta prática, as sociedades humanas passaram por etapas de desenvolvimento, barreiras comerciais foram quebradas, relações diplomáticas foram possibilitadas, entre outras conquistas (SOUZA, 2020).

Como qualquer área científica, a tradução é um campo vivo, por isso os entendimentos sobre este conceito mudaram no decorrer da história e a partir do surgimento de novos estudos — e ainda podem vir a mudar. Rossi (2018) diz que houve diversas concepções sobre tradução nos últimos 40 anos de estudos e análises. As ideias dos teóricos caminharam para consolidar o que hoje é chamado de “Estudos da Tradução” (doravante ET), tendo como base fundadora uma proposta apresentada em um artigo de 1972 confeccionado pelo poeta, tradutor e estudioso estadunidense-holandês James S. Holmes. A partir deste trabalho, Rossi (2018) argumenta que a ET “deveria estar focada não apenas no produto final, mas também no decorrer do processo de tradução do material, nas escolhas e análises feitas pelo tradutor na construção do texto final”. Podemos, assim, entender esta área como um processo no qual as partes envolvidas têm pesos similares.

O esquema disposto na figura 1 foi tecido a partir de detalhamento do ET feito por Holmes. Podemos observar que este campo compreende duas ramificações: “pura” e

“aplicada”. A primeira ainda se subdivide em “teórica” e “descritiva”. É nesta última que encontramos o produto da tradução e todos os fatores que nele pesam.

Figura 1 – Modelo de Holmes para a ET



Fonte: ZIPSER; POLCHLOPEK, 2011, p.25

Em sua pesquisa, Vasconcelos (2010) apresenta outros mapeamentos para a área, os quais enunciam novos “desdobramentos” à proposição de Holmes, visto que esta pode estar limitada por conta do período em que foi elaborada. As tecnologias se desenvolveram e novas possibilidades de pesquisa surgiram. A figura 2 introduz uma nova disposição da área de ET, proposta por Vasconcelos (2010), tendo como base Williams e Chesterman (2002).

Figura 2 – Novo mapeamento dos Estudos da Tradução



Fonte: VASCONCELOS, 2010, p. 128

Outro esquema que Vasconcelos (2010) apresenta é uma lista retirada do *site* da St. Jerome Publishing, editora responsável pela publicação de pesquisas na área de ET. Na lista montada abaixo, se comparada com os mapeamentos anteriores, é possível enxergar alguns dos mais atuais desdobramentos da área.

- 1) Tradução Multimídia e Audiovisual
- 2) Tradução Religiosa e Bíblica
- 3) Bibliografias
- 4) Interpretação para a Comunidade/ Interpretação de Diálogo/ Interpretação para Serviço Público
- 5) Interpretação Simultânea e de Conferência
- 6) Estudos Comparativos e Contrastivos
- 7) Estudos Baseados em Corpus
- 8) Interpretação Legal e Jurídica
- 9) Avaliação /Qualidade /Avaliação /Testes
- 10) História da Tradução e Interpretação
- 11) Estudos Inter-Culturais
- 12) Estudos de Interpretação
- 13) Tradução Literária
- 14) Tradução (auxiliada) por Computador
- 15) Trabalhos de Múltiplas Categorias
- 16) Estudos Orientados ao Processo
- 17) Metodologia de Pesquisa
- 18) Interpretação de Línguas Sinalizadas
- 19) Tradução Técnica e Especializada
- 20) Terminologia e Lexicografia
- 21) Gênero e Tradução
- 22) Tradução e Ensino de Línguas
- 23) Tradução e Política
- 24) Tradução e a Indústria da Língua
- 25) Políticas de Tradução
- 26) Teoria de Tradução
- 27) Formação de Tradutor e Intérprete

Tanto no mapeamento de Williams e Chesterman (2002) quanto na lista da St. Jerome Publishing, ambos apresentados por Vasconcelos (2010), é possível localizar nosso trabalho, pois a tradução audiovisual e multimídia está incluída em ambos. Observando o mapeamento da figura 2, ela aparece na quarta área nomeada, enquanto na lista a encontramos logo no primeiro item. Falaremos um pouco mais desta área da tradução na última seção deste capítulo.

Já apresentados estes mapeamentos e a vasta possibilidade de pesquisas na área de ET, agora comentaremos um pouco sobre a clássica divisão proposta pelo linguista russo Roman Jakobson que define três tipos de tradução: *intralingual*, *interlingual* e *intersemiótica*. Na primeira, os signos linguísticos são interpretados por meio de outros signos linguísticos dentro de uma mesma língua. Consiste em reformular o texto fonte, entendendo as entrelinhas e as questões envolvidas. Segundo o pesquisador, “a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa” (JAKOBSON, 1975).

Quanto à tradução interlingual, os signos da língua de partida (LP) serão substituídos pelos signos de outra língua, a língua de chegada (LC). É necessário ter não somente conhecimentos linguísticos, como também culturais. Pensar uma língua fora de sua cultura, durante uma pesquisa, pode ser prejudicial. A compreensão e a transformação de uma mensagem em certa LP para uma nova mensagem compreensível na LC é o que torna o ato de traduzir completo (ROSA, 2005, p. 67). Jakobson diz:

No nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras [...]. Mais frequentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de códigos separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes (JAKOBSON, 1975).

No terceiro e último tipo, a tradução intersemiótica, temos signos verbais de uma língua transmutados em signos não verbais, um sistema de signos a outro. Para exemplificar: a passagem da ficção ao cinema, vídeo e história em quadrinhos; com a ilustração de livros; com a passagem de texto a publicidade (GUERINI, 2008, p. 23).

Esses são os tipos expostos por Jakobson, mas há ainda outras possibilidades, “como a tradução intermodal, a tradução automática, realizada por meios mecânicos e sem intervenção humana, e a tradução simultânea ou interpretação” (SOUZA, 2020, p. 19). Finalizo afirmando que o ato de traduzir não é simples e não pode ser visto tão somente como substituição de

signos por outros. Urge a necessidade de enxergar não só o texto fonte, mas também a conjuntura formada a partir da cultura fonte, do texto alvo, da cultura alvo, dos interlocutores. Dessa forma, os aspectos do TF podem ser contemplados no TA.

## 2.1 O Tradutor Intérprete de Língua De Sinais (TILS)

A tradução é um processo que não ocorre por si só, por isto, se fazem necessários profissionais capacitados para a realização efetiva e cumprimento de seus objetivos. Disto surgiram os Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), foco principal desta seção.

Em setembro de 2010, a lei n.º 12.319 regulamentou esta profissão visando assegurar o direito de acesso das pessoas surdas aos mais diversos âmbitos da sociedade. Desde então, os TILS passaram a estar cada vez mais presentes em escolas, universidades, meios de comunicação, encontros religiosos, e outros ambientes. Podemos, de certa maneira, até considerar “fácil” encontrarmos estes profissionais na atualidade.

Todavia, a história começou bem antes de 2010. Vejamos um breve histórico. Segundo Quadros (2004), familiares e amigos de pessoas surdas já ensinavam intérpretes que atuavam no meio religioso por volta da década de 1980. Sensibilizados com a barreira comunicativa existente e partindo totalmente de um aprendizado empírico, estabeleciam-se ali os “primeiros” intérpretes de Libras. Eventualmente, este grupo pioneiro foi responsável pela luta da profissionalização da categoria e, na década seguinte, unidades de intérpretes foram ligadas às secretarias regionais da Federação Nacional de Ensino e Integração dos Surdos (Feneis). A formação destes profissionais só ganhou amparo legal em 2005 por meio de decreto n.º 5626. O mesmo dispõe nos artigos 17 e 18:

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação (BRASIL, 2005).

A partir disso, reconhecendo a necessidade de um curso em nível superior para tornar estes profissionais verdadeiramente aptos para atuar, a categoria começou a dar maiores passos, no qual destaca-se, principalmente, o curso Letras-Libras UFSC, até culminar na regulamentação da profissão, citada no início desta seção.

## 2.2 Tradução comentada

A tradução comentada é uma prática que, em termos generalistas, perpassa a reflexão e análise acerca das escolhas, motivações, fatores e outros elementos que incidem sobre o processo tradutório. Por meio dela o estudante/profissional pode pensar sobre e observar sua produção. É importante, ainda, para a compreensão de que o foco do processo tradutório não deve ser direcionado primordialmente ao resultado final (GREGGERSEN, 2014). Conforme Torres (2017), a tradução comentada é um gênero acadêmico-literário devido à fusão entre duas atividades: a tradução propriamente dita e o comentário. Estas duas atividades são “componentes de igual importância, já que um não tem razão de ser sem o outro”, embora sejam independentes de si em determinadas ocasiões (ZAVAGLIA et al., 2015). Similarmente, Torres avalia que algumas traduções são, ao mesmo tempo, comentários:

Ambos os verbos, traduzir e comentar, remetem a um olhar comparatista e historicista. Traduzir e comentar, a meu ver, não são duas ações tão distintas, pois podem ser intercambiáveis. No entanto, existe alguma confusão entre os dois termos, que às vezes podem se substituir: fala-se às vezes de tradução de um texto para assinalar um comentário e, ao contrário, algumas traduções são verdadeiros comentários (TORRES, 2017, p.2).

Em uma pesquisa que se propôs a compreender uma metodologia comum entre as traduções comentadas, Albres (2020b) destrincha tal prática como aquilo que acontece antes, durante e depois do ato tradutório. No “antes”, são analisadas questões relativas à pesquisa, de contexto histórico a forma de produção, enquanto o “depois” marca a análise dos dados e dos caminhos percorridos durante a pesquisa. No “durante”, além da tradução, acontece o comentário, a partir dos aportes teóricos selecionados para a pesquisa (ALBRES, 2020b). Todo este caminho é necessário para a realização de pesquisa enriquecedora para quem a desenvolve, visto que o tradutor poderá pôr em xeque seu traduzir e suas escolhas relativas a diversos aspectos, da morfologia à sintaxe e dos aspectos socioeconômicos aos histórico-culturais (ZAVAGLIA et al., 2015). Portanto, no presente trabalho, apresentaremos, no capítulo 5, alguns comentários feitos pelo autor e as formas por meio das quais foram desenvolvidas estratégias de tradução.

É devido a este processo — de gerar um novo texto, mas também dar atenção a como este resultado foi atingido — que as traduções comentadas se caracterizam como exercícios relevantes para uma maior qualificação por parte dos tradutores. Rossi (2018) chega a afirmar que esta experiência deveria ser conhecida por qualquer estudante de tradução, interpretação e/ou línguas, pois “treinar atos tradutórios e interpretativos nessa

perspectiva, fornece tempo para que o profissional dedique-se a perceber suas escolhas, o que por sua vez, auxilia na construção de sua formação” (ROSSI, 2018, p. 31). Uma noção similar é encontrada em Gregersen (2014, p. 43), a qual argumenta que, durante o processo tradução-comentário, o tradutor é desafiado de forma organizacional, “permitindo-lhe refletir sobre a parte, sem perder a perspectiva do todo ao longo do processo, além de servir de guia teórico de sua prática tradutória, estabelecendo pontes entre a teoria e a prática da tradução”.

Por precisar ilustrar as escolhas tradutórias e envolver uma língua de existência visual e corporal, a presente tradução comentada é apresentada de maneira multisemiótica, uma característica comum à prática, segundo Albres (2020a). A construção de esquemas visuais de modo a facilitar a compreensão da tradução comentada é considerada pela autora como parte significativa da análise. Essa construção pode e é retrabalhada a cada momento, junto do surgimento de novas tecnologias possibilitadoras de registro, arquivo, compartilhamento e outras ações que podem estar associadas aos comentários (ALBRES, 2020a). Para exemplificar isso, no capítulo 5 deste trabalho, apresentamos o uso do *QR code*, uma ferramenta em formato de imagem que, ao ser capturada pela câmera de um telefone celular, abre caminho para algum espaço na Internet. Neste caso, os QR codes foram utilizados para demonstrar as escolhas tradutórias utilizadas pelo autor.

Além disso, é relevante que a tradução comentada esteja apoiada em um referencial teórico dos Estudos da Tradução. Esse referencial teórico é fundamental para guiar o tradutor nas suas escolhas e reflexões durante a realização do projeto de tradução. Na próxima seção serão apresentados os pressupostos da tradução funcionalista utilizada como base para a tradução comentada produzida na presente pesquisa.

### 2.3 Tradução funcionalista

O início do funcionalismo está datado por volta da década de 1970, mas foi entre as duas décadas seguintes, na Alemanha, que houve um aprofundamento desses estudos. A proposta funcionalista nasce em oposição às ideias sobre tradução das décadas anteriores, ideias formalistas da gramática gerativa. O objetivo desta nova teoria é o de “abordar a tradução de uma maneira mais comunicativa” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2011):

O funcionalismo parte, de um modo geral, da função comunicativa que certas estruturas linguísticas exercem dentro de um determinado contexto e da análise das estruturas que cooperam para realizar esta função, caracterizando a intenção pragmática (concreta) do usuário da língua. (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2011, p. 58).

Nesta nova perspectiva, a preocupação passa a ser a comunicação efetiva e faz prevalecer estudos sobre a linguagem no seu contexto de uso, abrindo mão da ideia de tradução focando apenas no texto em si e alterando o foco para o leitor. Autores como Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord foram estudiosos dessa abordagem mais maleável, comunicativa e dependente do contexto. E estes estudiosos passaram a ver o texto como um todo repleto de significados internos e externos. Não mais se entendia a tradução como uma mera equivalência interlingual.

Polchlopek, Zilpser e Costa (2012) definem quatro perguntas que norteiam uma construção textual, seguindo as ideias do funcionalismo: *para que?*, *por que?*, *como?* e *para quem?* Essas questões denotam respectivamente a função comunicativa da mensagem; a intenção pragmática; as estruturas que servem a essa intenção; e o interlocutor. A função do texto será determinada, portanto, pela situação em que ele está inserido. E, por “situação”, nos referimos às culturas, aos sujeitos, aos períodos históricos, e a outros elementos que ajudem a definir um contexto específico. Assim, é razoável que pensemos a função que o texto exerce na língua fonte para podermos eleger qual função esse mesmo texto deverá cumprir na língua alvo, conforme analisam os autores, tendo como base a proposta de Christiane Nord:

O funcionalismo não descreve apenas o que pode ser observado no processo de tradução ou os resultados desse processo. O funcionalismo emprega métodos descritivos para localizar e comparar normas e convenções válidas em diversas comunidades culturais; assim, é também normativo e avaliativo em termos da funcionalidade do texto (traduzido ou não) numa determinada situação-em-cultura (POLCHLOPEK; ZILPSER; COSTA, 2012, p. 27).

Nord ainda elenca alguns fatores que “devem” ser observados durante o ato de traduzir para que haja verdadeira compreensão da função do texto fonte e para facilitar o processo de tradução. Eles são: emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, motivo e função, tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico e sintaxe. Devem ser considerados, ainda, elementos suprasegmentais como: qual tema, o que, em qual ordem, usando quais elementos não verbais, em qual tom, para qual efeito (RIGO, 2012). Estes fatores baseiam o presente estudo, assim como elementos relativos à produção de materiais em vídeo e à tradução audiovisual, analisados no próximo capítulo.

#### 2.4 Produção em vídeo e tradução audiovisual

Quando o assunto é acesso à informação, vale pensarmos em um dos principais meios de propagação informacional dos dias atuais: a Internet, viabilizada pelas tecnologias da informação (doravante TI). “Principais propulsoras e mantenedoras da atual sociedade”

(TEIXEIRA; BRANDÃO, 2003, p.2), as TI têm papel fundamental na vida contemporânea, inclusive na busca, no compartilhamento e na produção de informação. Segundo os autores Teixeira e Brandão (2003), as TI auxiliam na aproximação entre os seres humanos e a informação, viabilizando uma ampliação do acesso e da construção de novos conhecimentos. Ainda, é importante mencionarmos a visão de Dionisio (2011 *apud* SILVA, 2019) acerca da presença imagética na sociedade contemporânea. Segundo a autora, as tecnologias possibilitaram uma maior aproximação entre imagem e palavra, resultando em uma sociedade “cada vez mais visual”; como resultado, “a prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada a prática de letramento da imagem, do signo visual” (DIONISIO, 2011 *apud* SILVA, 2019, p. 73).

Nesse contexto, as TI podem ser consideradas um recurso de valia para a educação, “não somente pela sua capacidade de disseminação de informação, mas, também, pela possibilidade de construção do conhecimento através de experiências em que predominem a comunicação e a colaboração” (TEIXEIRA; BRANDÃO, 2003, p. 1). Uma das formas de junção entre as TI e a educação pode ser a confecção de materiais audiovisuais, possibilitada por diversos *softwares* e programas disponíveis na Internet, além de câmeras, inclusive as de telefones celulares. Tendo como base estudo de Doosuur Ashaver e Sandra Mwuese Igyuve, Lima (2020) constatou que vídeos educativos podem despertar curiosidade e captar atenção do público-alvo, pois a habilidade visual e o processamento de informações são competências exercitadas na sociedade atual. Os recursos audiovisuais podem, assim, “significar uma sofisticação na relação ensino-aprendizagem” (LIMA, 2020, p. 33). Ao combinar sons, imagens, fala e um mínimo de texto escrito, o vídeo consegue estabelecer uma linguagem própria e sintética, a qual possibilita uma abordagem mais compreensível de conceitos complexos (LIMA, 2020).

Falando especificamente da população surda, esses materiais podem servir ao mesmo propósito e funcionar de maneiras similares, tendo em vista que “a cognição dos surdos se desenvolve de um modo totalmente visual, diferente dos ouvintes que utilizam a audição para se comunicar” (THOMA et. al, 2014, p. 13). Nesse contexto, as ferramentas de confecção de vídeos devem ser aliadas no desenvolvimento de uma “comunicação compreensível” aos surdos; além do uso da Libras, isso pode acontecer através de textos curtos e de um conteúdo visual cuidadoso (GALINDO NETO et al., 2019).

A aplicação simultânea dos recursos citados tornam os vídeos “atraentes” (GALINDO NETO et al., 2019, p. 8) para o aprendizado da população surda e também podem

contribuir para a “melhoria dos níveis de memorização e compreensão do conteúdo” (COSTA; ARAÚJO, 2019, p. 8).

Há, ainda, de se considerar a contribuição desses vídeos na “assistência e comunicação da informação do profissional não proficiente em língua de sinais e com a difusão da informação em massa e em locais onde os profissionais não cheguem/não estejam” (COSTA; ARAÚJO, 2019, p. 8). Tal formato pode se encaixar nas classificações elaboradas por Silva (2019) em trabalho de análise dos gêneros emergentes e multimodais na área de Libras videossinalizada, tendo como base o aporte teórico de Dionisio (2011).

Essa discussão pode estar associada, ainda, à área da saúde, um dos tópicos relacionados à presente tradução. Conforme destacado por Lima (2020), a tecnologia pode resultar em uma melhoria de qualidade de vida na sociedade quando trabalhada prudentemente, associada à saúde de modo a “diversificar as formas de cuidado e possibilitar ao indivíduo participação ativa no processo saúde-doença” (LIMA, 2020, p. 33). Para os surdos, pode ter um significado adicional: o de possibilitar o acesso a informações relevantes “que muitas vezes são negligenciadas pela escola ou família” (PIMENTEL et al., 2018, p. 12), como a saúde sexual e reprodutiva. O acesso das pessoas surdas ao tema, especificamente a informações relacionadas às ISTs, foi discutido no capítulo 1, seção 1, deste trabalho. Nesse contexto, Lima (2020) acredita no vídeo como novo meio de abordagem da saúde sexual para surdos, tendo em vista seus recursos e metodologia “que desencadeiam um processo de ensino mediado pelo interesse de aprender, em que o surdo é estimulado a assumir a responsabilidade por aderir às práticas sexuais saudáveis” (LIMA, 2020, p. 94).

Vale destacar que, nos últimos anos, o vídeo tem sido uma ferramenta de presença significativa como recurso educativo em saúde para a população surda. Revisão integrativa realizada por Galindo Neto et al. (2019) analisou 19 artigos sobre tecnologias utilizadas para o ensino de saúde a surdos; dos itens analisados, 17 constataram a eficácia e a viabilidade dos vídeos para o propósito mencionado. Assim, “os resultados apresentados por este recurso demonstraram melhorias significativas no aprendizado e apontam para a efetividade dessa opção tecnológica” (GALINDO NETO et al., 2019, p.8).

Pensando no presente trabalho, que une a produção em vídeos e as ferramentas possibilitadas pelas TI, devemos discutir a tradução audiovisual (doravante TAV), protagonista de certa emergência nos últimos anos e uma das áreas de crescimento mais notório nos Estudos da Tradução (DÍAZ CINTAS, 2008), incluída nos mapeamentos abordados no início deste capítulo. A TAV é “a transferência da linguagem verbal transmitida e acessada de forma visual e acústica” (COLLET, 2016, p. 35), ocorre em textos audiovisuais

de todos os tipos (ALBIR, 2011) e junto aos meios de comunicação de massa (LÉON, 2000). Seu surgimento pode ser associado à tradução de filmes; desde então, a TAV tem abrangido outros âmbitos para além do cinema, cruzando com outros conceitos e disciplinas (FERREIRA, 2010). Essa área “tem ganhado destaque pela diversidade de discursos e textos e ampliação de sua circulação em plataformas multimodais que combinam dimensões sonoras, visuais, verbais e gestuais”, enquanto seus métodos de produção de conhecimento têm “vivenciado viradas metodológicas” frente aos efeitos sociais e tecnológicos do audiovisual (NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2019, p. 11).

Ainda, nosso trabalho se estrutura nos moldes de traduções *interlinguística* e *intersemiótica* elaborados por Brito (2012, p. 81-82): o primeiro se refere a uma tradução em que o texto fonte e o texto alvo estão em línguas diferentes, enquanto o segundo indica um processo entendido “como a codificação do conteúdo produzido em um meio sonoro ou visual para um código escrito ou vice-versa”, isto é, em meios semióticos diferentes. Para melhor entendermos a conjuntura desta tradução comentada inserida em ambiente audiovisual, discutimos a seguir informações cruciais para a compreensão do texto fonte.

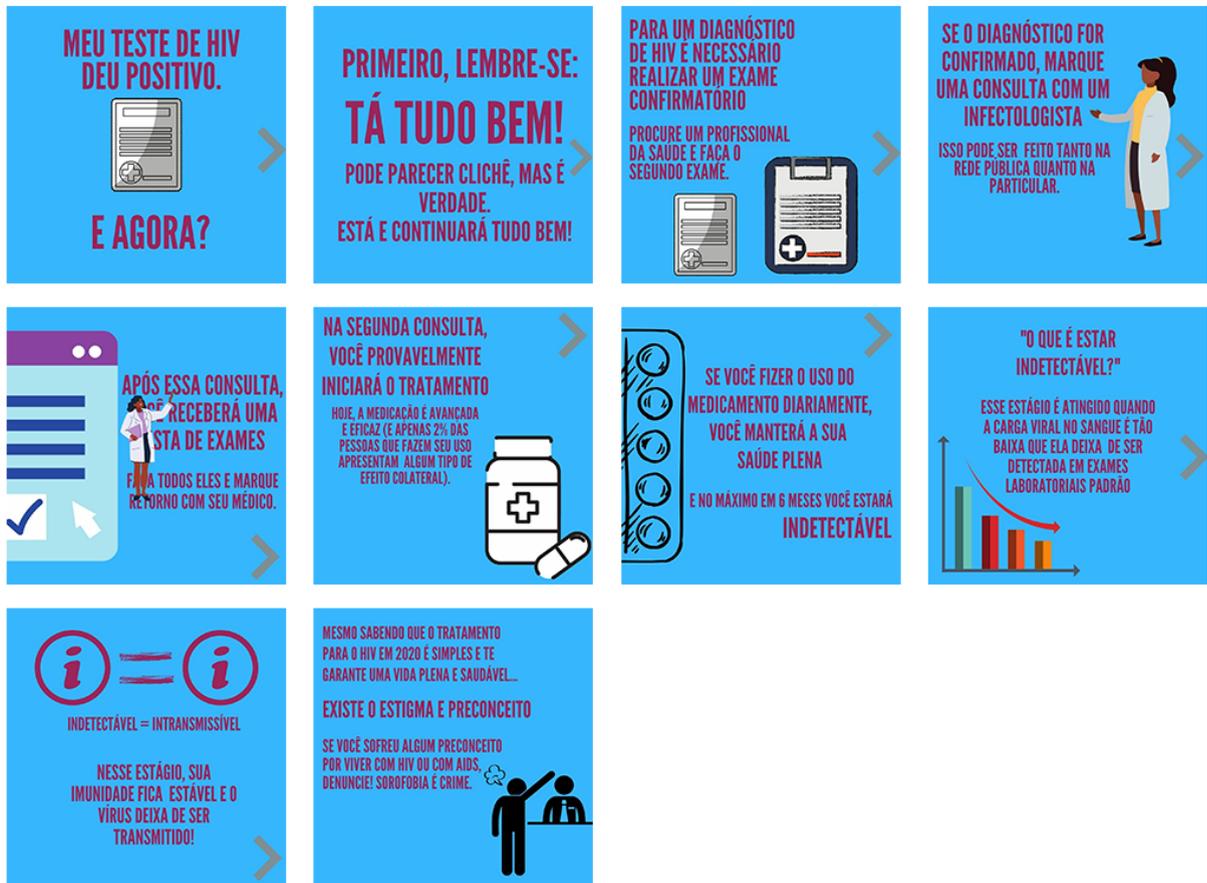
### 3 TEXTO FONTE

O HIV e a Aids são o tema do texto fonte deste trabalho, uma sequência de imagens informativas publicada na rede social digital *Instagram* pelo perfil #PrecisamosFalarSobreIsso, um projeto que, como seu nome sugere, objetiva levantar discussões pouco difundidas, ajudando a encerrar ciclos de desinformação. Além de realizar encontros formativos para profissionais de saúde, o projeto publica conteúdo de cunho deliberativo e explicativo sobre os temas de sexo, saúde sexual e saúde reprodutiva, como “Dá pra prevenir no sexo entre vaginas?”, “Tratar o HIV é simples”, “Sexo oral sem camisinha, pode?” e outros, sempre se utilizando de títulos que despertam atenção de quem lê, imagens e linguagem simples. Apesar disso, é válido pontuar que as publicações não contêm caminhos acessíveis por pessoas com deficiência, como tradução para Libras.

Em meio a diversas postagens informativas, escolhemos para esta análise o texto “Meu teste de HIV deu positivo. E agora?”, publicado originalmente em 14 de outubro de 2020, cujo mote é orientar pessoas que podem estar confusas em relação a como proceder após um diagnóstico positivo para o HIV. Não se limitando a isso, a postagem é útil para todos (soropositivos ou não) ao explicar alguns conceitos pouco difundidos sobre a infecção, como o estado “indetectável”, quando a carga viral de um paciente está em um nível tão baixo que impossibilita a transmissão. Foi justamente este “catálogo” de informações relativas à IST que nos levou a escolher a publicação como texto fonte da presente tradução.

A publicação é composta por uma sequência de 10 imagens (Figura 3) que se utiliza basicamente de iconografia e duas cores, azul e roxo, para transmitir sua mensagem. Portanto, podemos considerar o conteúdo verbal como principal, enquanto o visual serve como auxiliar/secundário. Após apresentar o título, a publicação aconselha o leitor a manter a calma frente à possibilidade de infecção por HIV. Em seguida, explica o processo de diagnóstico e tratamento: um exame com um profissional de saúde é fundamental e, caso o resultado seja positivo, um infectologista deve ser procurado; na consulta, seja ela de natureza pública ou privada, uma lista de exames será apresentada e, após ter efetuado tais procedimentos, o paciente deve retornar ao infectologista para iniciar o tratamento, que, caso seja feito de forma correta, manterá a saúde do paciente estável e, em menos de seis meses, deixará o organismo indetectável, estágio em que a carga viral no sangue é baixa o suficiente para não ser detectada por exames laboratoriais, e, conseqüentemente, a pessoa não poderá transmitir o HIV. Por fim, na décima e última imagem, a publicação aconselha o leitor a denunciar quaisquer atos de preconceito e estigma.

Figura 3 – Sequência de imagens do texto fonte.



Fonte: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO (2020)

Ao pensarmos no espaço onde a publicação está inserida, é preciso entender a dimensão que ela pode ganhar. Textos informativos da Internet têm um grande alcance, pois a cibercultura permite a produção, a veiculação e o compartilhamento de conteúdos de forma acelerada e diversificada. Em segundos é possível encontrar na Internet informações proveitosas para o cotidiano humano. As possibilidades de interação no nível diário aumentaram graças à tecnologia digital e à rede digital, diz Capurro (2013). Isso ocorre, também, devido à difusão da Internet e de aparelhos digitais em todo o planeta. Segundo estudo de 2019 da União Internacional de Telecomunicações (UTI), ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), mais da metade da população mundial, ou 4,1 bilhões de pessoas, têm acesso à Internet; 97% dispõem de sinal de celular; e 93% têm alcance a uma rede 3G ou superior (NAÇÕES UNIDAS, 2019). No entanto, é importante problematizar o acesso ainda restrito de diversas partes do planeta, principalmente em países menos desenvolvidos: 3,6 bilhões de pessoas continuam excluídas do ambiente virtual.

Apesar desta desconexão pertinente, as realidades física e virtual, conforme afirmam Ramos e Martins (2018), se retroalimentam com o funcionamento das redes sociais da Internet. Isto é, através da macrotextualidade permitida por essas redes, vínculos são formados de maneiras distintas, influenciando a vida e o cotidiano de quem participa ativamente destes ambientes. Um exemplo disso são indivíduos que alcançam *status* de influência, justamente conhecidos como *influenciadores digitais*, ao obterem um público notável que se interessa por seus conteúdos e tem partes de suas vidas instigadas por eles (KARHAWUI, 2017). Estes profissionais são característicos dos moldes sociais, econômicos e tecnológicos da sociedade atual, e dispõem de influência a partir de “prestígio, distinção e até poder no ambiente digital” (KARHAWUI, 2017).

O perfil “#PrecisamosFalarSobreIsso”, autor do texto fonte deste trabalho, também exerce determinada influência — apesar de não apresentar um ser humano específico, característica dos influenciadores digitais (KARHAWUI, 2017) —, principalmente quando consideramos seus 33.541 mil seguidores<sup>2</sup>, usuários que escolheram ter acesso ao e acompanhar o perfil. O *post* que traduzimos recebeu 1.867 curtidas<sup>3</sup> — 5,57% do número de seguidores —, isto é, dentre as milhares de pessoas que o visualizaram, 1.867 apreciaram seu conteúdo e depositaram uma validação positiva.

Tendo isso em vista, é interessante pensar especificamente sobre a rede social digital em que tanto o perfil quanto o *post* estão inseridos. O *Instagram*, que surgiu em outubro de 2010 e foi criado pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, é um dos aplicativos mais utilizados mundialmente, com um bilhão de usuários ativos mensalmente, segundo dados divulgados pela sua empresa gestora, o Facebook, em 2020. Apenas em fevereiro de 2021, mais de 41 milhões de dispositivos fizeram o *download* do Instagram<sup>4</sup>. Ramos e Martins (2018) explicam o funcionamento e as consequências das conexões do Instagram:

Suas conexões, normalmente ao deslizar do dedo indicador, como toda rede social digital, possibilitam a comunicação entre pessoas de todo o planeta, bastando apenas alguns elementos comuns: internet, dispositivo eletrônico (*smartphone, tablet, notebook...*) e o *app* em questão. Somados humano, hardware e software, a interação estará chancelada. O navegador estará apto a divulgar suas cenas cotidianas e a espiar a dos outros; inventivamente, a criar realidades e a expor ficções; a ser autor-editor-leitor-designer-promoter-crítico, (des) conduzido pela rede, sem

---

<sup>2</sup> Número em 14 de março de 2021 às 11h16min.

<sup>3</sup> Número em 14 de março de 2021 às 11h20min.

<sup>4</sup> Somando *downloads* nas lojas digitais App Store (para dispositivos iOS) e Google Play Store (para dispositivos Android), conforme dados da plataforma Sensor Tower, que acompanha diariamente o desempenho de diversos aplicativos disponíveis no mercado. Disponível em: <https://sensortower.com/>. Acessado em: 14 mar 2021.

ordem rígida para suas ações; a redefinir materialidades textuais, transitando do virtual ao concreto, e este, por sua vez, à (re- ou des-) materialização por meio da mídia digital (RAMOS E MARTINS, 2018).

As mesmas autoras classificam a textualidade constituída pelo Instagram como um “*continuum* (macro) textual potencial”, pois cada texto produzido por um usuário e inserido em macrotextos (como os perfis) materializa um tecido instantâneo em atualização contínua (RAMOS E MARTINS, 2018). A partir desse pressuposto e da pluralidade incitada pelos gêneros do discurso na ação humana, Santaella (2014) classifica as redes sociais digitais como um gênero híbrido. Veremos agora como se deu o processo tradutório e os questionamentos e soluções pensados pelo tradutor.

## 4 METODOLOGIA

Este capítulo funciona como uma exposição passo a passo do processo tradutório, do primeiro contato com o texto fonte aos pormenores do texto-alvo. O percurso foi dividido, por escolha pessoal do tradutor, em duas grandes etapas: a primeira contempla tudo aquilo feito e decidido antes da tradução em si, enquanto a segunda trata diretamente do ato tradutório e da pós-tradução. Para a descrição feita nas seções a seguir, foi utilizado um diário de tradução, que, além de possibilitar o registro temporal, cronológico e científico, também facilitou a análise mais tarde destrinchada. Não só as etapas por si mesmas foram anotadas e registradas, mas também “pensamentos, reflexões, tendências interpretativas e escolhas tradutórias” (ALBRES, 2020b, p.7).

Antes de começarmos, é relevante entender como nós encontramos e selecionamos o texto fonte, cujas informações gerais, como origem e descrição, estão incluídas no terceiro capítulo do presente trabalho. O autor iniciou seu processo de busca por um texto fonte após decidir que a tradução navegaria pelo tema HIV/Aids. A partir de então, começou-se uma busca na Internet por textos informativos, curtos e elucidativos, como cartilhas e manuais. Sem êxito nesta procura, esbarramos em um perfil na rede social Instagram com publicações de conteúdo relevante estruturadas em formatos não-convencionais. Uma delas, “Meu teste de HIV deu positivo. E agora?”, chamou nossa atenção por sua linguagem simples e seu conteúdo que, em nossa percepção, pode auxiliar na quebra de certos tabus sobre saúde sexual. Ao ler o material, foram surgindo as primeiras ideias para o processo tradutório e para a análise.

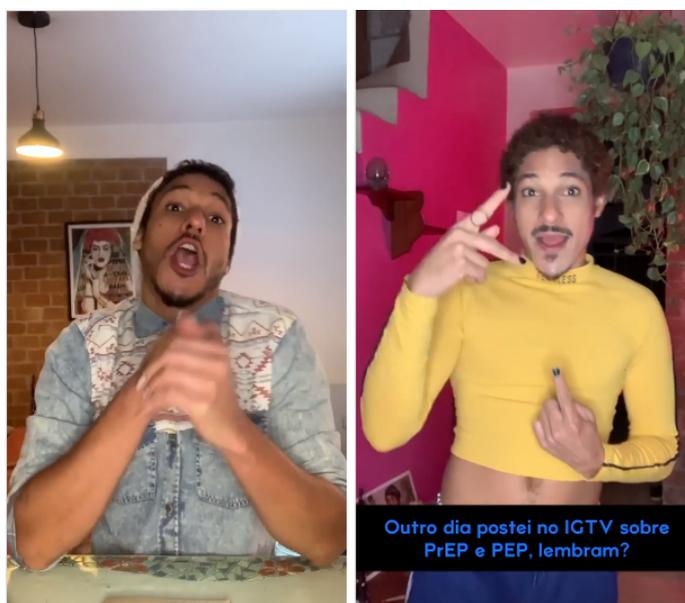
### 4.1 Pré-tradução

Ao iniciar o processo de tradução, de modo a compreender o texto, o tradutor leu e escreveu todas as sentenças em um bloco de notas. Assim, foi mais fácil “manusear” e rabiscar as possíveis ideias de como realizar a tradução. Os termos que eram desconhecidos pelo autor (tanto termos que não se sabia o significado em português, como aqueles que não se conhecia um sinal em Libras) foram destacados e as sentenças que pareciam mais complexas, no sentido semântico, foram sublinhadas.

No momento posterior, consultamos colegas também tradutores acerca de possíveis caminhos a seguir. Começou-se, simultaneamente, uma busca por materiais em Libras que tratassem de assunto similar e pudessem fornecer possíveis estratégias de tradução e

conhecimentos que familiarizassem o tradutor, ao nível de competência referencial (BARTHOLAMEI JUNIOR; VASCONCELLOS, 2008). Não houve um grande resultado na pesquisa. Dois vídeos, porém, foram de significativo auxílio, não lexicalmente (sinais específicos), mas no sentido semântico, devido à abordagem, feita por uma pessoa surda, de termos coincidentes aos deste trabalho. Publicados por Leo Castilho, um homem gay e surdo, em seu perfil no Instagram, os vídeos são intitulados de “O que é PreP e Pep? HIV e AIDS?” e “Continuação: PEP, PrEP e TARV!” e tratam sobre métodos de prevenção e tratamento do HIV/Aids.

Figura 4 – Capturas de vídeos de Leo Castilho no Instagram.



Fonte: CASTILHO (2020a, 2020b)

Após a tomada de algumas decisões tradutórias, foram confeccionados dez vídeos de 25 segundos em média, um para cada imagem do texto fonte (conforme exibido no capítulo 3). Estas gravações foram realizadas utilizando um *smartphone* apoiado por um *notebook*, uma estrutura “simples”, tendo em vista que o objetivo era apenas dar passos iniciais. Após uma autoanálise, o tradutor enviou os vídeos para uma colega tradutora questionando a qualidade e compreensibilidade da sinalização. Recebendo as considerações e refazendo alguns vídeos, a tradução foi validada, ficando pronta para uma gravação oficial.

Através desse processo, foi decidido que seriam feitas escolhas simples e de fácil entendimento na tradução, mantendo o foco na explicação dos conceitos que o texto fonte traz, como “indetectável” e “intransmissível”. Não será utilizado nenhum sinal específico para

estes termos, mesmo sabendo da possibilidade de existirem, para que o texto-alvo seja acessado por um público de maior tamanho. Estes passos iniciais também possibilitaram o preenchimento de um quadro informacional proposto por Nord, conforme os fundamentos teóricos explicitados no capítulo 2 do presente trabalho.

Quadro 1 – Elementos dos textos fonte e alvo, conforme Nord (1991)

<b>Fator</b>	<b>Texto-fonte</b>	<b>Texto-alvo</b>
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>		
Emissor	@precisamosfalarsobreisso perfil de informações sobre sexo, saúde sexual e reprodutiva no Instagram	Tradutor intérprete em formação pelo curso de Letras Libras
Intenção	Orientar pessoas recém diagnosticadas com HIV, desmitificar tabus e alertar que sorofobia é crime	Traduzir as informações do texto fonte para socializar esse conhecimento também em Libras auxiliado pelos recursos visuais
Receptor	Usuários da rede social Instagram que podem ou não seguir a página	Pessoas surdas brasileiras sinalizantes
Meio	Postagem no feed em formato carrossel na rede social Instagram	Sequência de vídeos, também no formato carrossel, em perfil do Instagram criado pelo tradutor
Lugar	—	Fortaleza, CE, Brasil
Tempo	Outubro de 2020	Agosto de 2021
Propósito (motivo)	Acalmar pessoas que vivem com HIV e desmistificar tabus que cercam o assunto	Auxiliar a difusão do assunto, facilitar o acesso a informações da saúde
Função textual	De forma simples, informar os recém diagnosticados (função referencial)	Além de informar pessoas surdas (função referencial), refletir sobre as melhores estratégias para a tradução do post
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>		
Tema	Como proceder após o	Como proceder após o

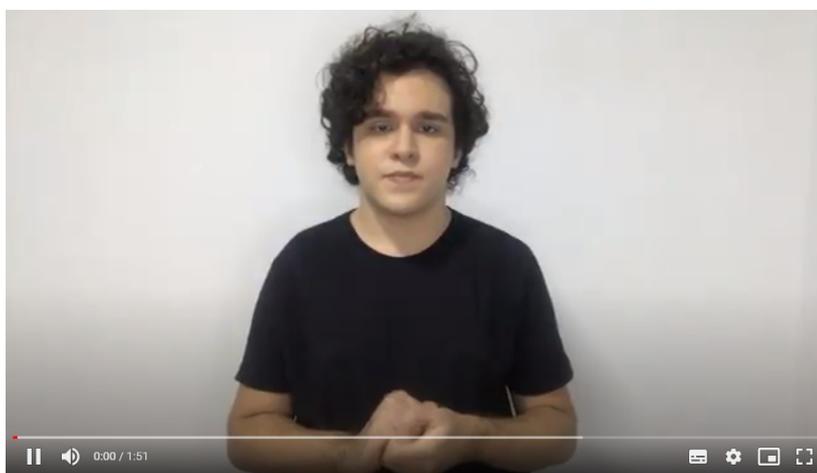
	diagnóstico de HIV	diagnóstico de HIV
Conteúdo	Imagens com os textos em português	Vídeos sinalizados em Libras com imagens ao fundo
Pressuposições	A postagem pretende difundir o assunto que é pouco difundido e, assim, ajudar as pessoas (que podem estar assustadas) a iniciarem o tratamento e, também, diminuir o preconceito que as mesmas sofrem	Da mesma forma, difundir o assunto no meio da comunidade surda e permitir que haja acesso a esse conteúdo tão importantes
Estruturação	O post é um carrossel no Instagram, logo, uma sequência de imagens com texto discorrendo uma “conversa” com o leitor	Vídeos curtos em sequência seguindo a mesma lógica do post original
Elementos não verbais	Ilustrações de acordo com o assunto do texto	As mesmas ilustrações foram utilizadas como fundo da tradução
Léxico	Linguagem acessível e de fácil compreensão. Alguns conceitos estão presentes, mas são explicados no texto	A mesma linguagem do texto fonte, escolhas tradutórias que favoreçam o entendimento do conteúdo. Soletração dos termos que são apresentados e explicados no texto fonte.
Sintaxe	Sintaxe do português padrão	Sintaxe da Libras, sentenças curtas e de fácil compreensão
Elementos suprasegmentais	No texto são apresentadas perguntas entre aspas que podem ser indagações de pessoas que desconhecem o assunto	Estas mesmas perguntas foram mantidas
Efeito do texto	Tornar a vida das pessoas que vivem com HIV mais segura, informar a população em geral sobre o tema	Possibilidade de acessar informações sobre o HIV e contribuir para uma vida segura com respeito às pessoas com HIV

Fonte: O Autor (2021).

## 4.2 Tradução e pós-tradução

Seguindo para a gravação da tradução oficial, o tradutor reviu e memorizou os vídeos para reproduzir as mesmas sentenças. Devido à situação mundial de pandemia e às respectivas medidas de segurança, foram feitos alguns ajustes e adaptações estruturais para que a gravação fosse realizada em casa com os recursos disponíveis. Foram utilizados um anel de luz como tripé e iluminação, um *smartphone* como filmadora e um *notebook* para visualização do material. O fundo da gravação foi de cor branca. O tradutor utilizou uma camisa preta para a gravação de todos os vídeos.

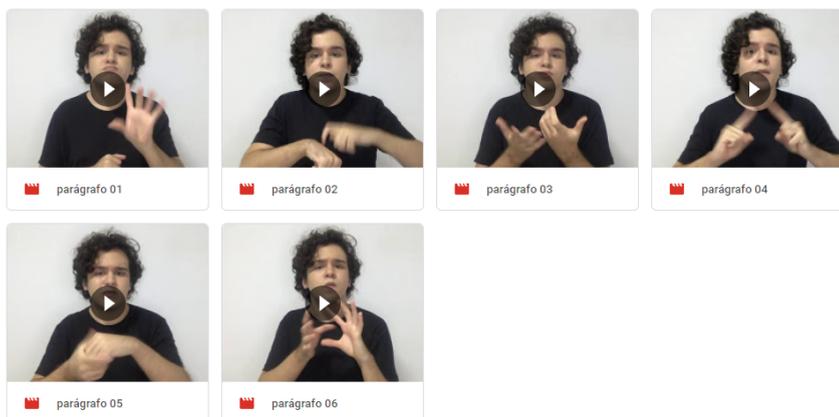
Figura 5 – Tradutor em cenário de fundo branco e vestimenta preta



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Como já dito anteriormente, gravou-se um vídeo para cada imagem/parte do texto. São dez imagens, logo dez vídeos (conforme figura 3). Assim como no texto fonte, a tradução será dividida em partes para seguir a lógica de “carrossel” do Instagram. A título de padronização dos vídeos, um ponto específico do chão do cenário foi demarcado para que o enquadramento se mantivesse em todos os momentos. Em certos pontos, foi necessário regravar alguns trechos por erro na sinalização em Libras ou por erro no enquadramento.

Figura 6 – Vídeos gravados com tradução



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Com os vídeos prontos e com auxílio de um editor nativo do *smartphone* (que serviu para cortar os segundos iniciais e finais e remover o áudio), o tradutor anexou-os à plataforma de hospedagem de arquivos Google Drive para facilitar visualização, revisão e posterior edição. A maior parte dos vídeos não precisou ser regravada; porém, no quarto houve certa dificuldade de compreensão da datilologia feita pelo tradutor. Este, então, foi prontamente refeito no mesmo dia. Cada vídeo estará disponível para visualização através de códigos QR<sup>5</sup>, disponíveis nos anexos deste trabalho. Para a edição, o que foi idealizado pelo autor foi: a imagem do tradutor estará substituindo onde antes havia o texto em português, mantendo assim as ilustrações para o auxílio da compreensão, como visto na figura 7.

Figura 7 – Imagem do texto fonte e versão com tradutor



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

<sup>5</sup> Segundo a Wikipédia, um código QR “é um código de barras, ou barramétrico, bidimensional, que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Código\\_QR](https://pt.wikipedia.org/wiki/Código_QR). No caso dos vídeos da tradução, os códigos QR levarão para a URL dos arquivos hospedados no Google Drive e de acesso público.

## 5 COMENTANDO A TRADUÇÃO

Faremos neste capítulo comentários acerca do processo tradutório, perpassando algumas das estratégias de tradução utilizadas, assim como ideias que influenciaram a edição de vídeo/imagem e tiveram relevância no produto final. Isso porque, como explicado, nossa tradução segue os pressupostos funcionalistas, de modo a focar as preocupações no leitor/receptor. Suplementando as concepções discutidas no capítulo 2 deste trabalho, Krusser (2017) analisa que a abordagem funcionalista, voltada às necessidades do público-alvo, pode estar associada a uma integração do processo tradutório ao trabalho de *design*, feito na presente tradução e explicado abaixo.

Neste capítulo, não haverá aprofundamento na tradução de forma integral, mas em trechos específicos que, conforme nosso julgamento, marcam de forma significativa a noção de uma tradução de fácil acesso e compreensão. Os comentários foram divididos em subcapítulos intitulados pelo foco principal da discussão. O acesso aos trechos que serão discutidos será por meio do QR code, mas, para melhor localizar o leitor, também transcrevemos alguns destes trechos auxiliados pelo sistema de transcrição para Libras de Felipe (2005).

### 5.1 Indetectável = intransmissível

Na literatura sobre o HIV, o termo “indetectável” é associado a pessoas com baixa carga viral devido ao tratamento regular contra o vírus. Ou seja, a concentração do HIV no organismo de determinado indivíduo é tão baixa que não é detectada em exames padrões. Não podemos deixar de entender este termo como específico e pouco conscientizado. Portanto, tendo em vista que “indetectável”, sem complemento algum, pode confundir até mesmo falantes da Língua Portuguesa, não nos prendemos à ideia de buscar um sinal específico ou convencionar um. Então, a primeira estratégia pode ser compreendida pela figura 7.

Figura 8 – QR code de explicação da primeira estratégia tradutória para “indetectável”.



Link para acesso: <https://youtu.be/ScyrKGjBJS0>

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Como é visível, “SINAL I-N-D-E-T-E-C-T-Á-V-E-L” foi usado para introduzir o conceito (conforme figura 8), que é eventualmente explicado no próprio texto. Com o conceito já apresentado, a estratégia durante outro momento em que o termo aparece foi a seguinte:

Figura 9 – QR code de explicação da segunda estratégia tradutória para “indetectável”.



Link para acesso: <https://youtu.be/eGAXL4Eu5bs>

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Apesar de trabalharem com o mesmo termo, as duas estratégias se adequam a momentos diferentes da tradução, segundo nossa concepção. Na primeira, para especificar o nome do conceito (considerando a explicação posterior), e, na segunda, objetivando uma escolha breve e explicativa, foi usado “CONSEGUIR-NÃO ENCONTRAR”.

## 5.2 Datilologia

A quarta imagem do texto fonte orienta os leitores a buscarem um infectologista em caso de diagnóstico positivo para o HIV. Para traduzir esta seção, foi necessária a definição de

um sinal para a palavra “infectologista”, o qual não era de conhecimento da autoria deste trabalho. Após pesquisa na Internet em busca de equivalências e conversas com colegas tradutores-intérpretes, descobrimos a existência de um sinal já convencionado para a palavra “infecção” (vide figura 10). A estratégia foi a seguinte:

Figura 10 – QR code de explicação de datilologia.



Link para acesso: <https://youtu.be/wjtG16G5Bso>

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

“PROFISSIONAL MÉDICO ‘INFECCÃO’ I-N-F-E-C-T-O-L-O-G-I-S-T-A” foi pensado tendo em vista a preocupação com o nível de popularidade do sinal para a palavra “infecção”. Por esse motivo, foi feito uso da datilologia, que, nesse caso, é a incorporação de elementos da Língua Portuguesa à tradução para Libras (BARBOSA, 1990).

### 5.3 Modulação

Outra estratégia utilizada no processo tradutório e que vale ser comentada foi uma modulação, que consiste, segundo Barbosa (1990), em “reproduzir a mensagem” do texto fonte no texto-alvo, “mas sob um ponto de vista diverso”. A modulação pode ocorrer de modo facultativo, quando o tradutor tem a escolha de realizá-la (BARBOSA, 1990). Foi o que aconteceu no caso da presente tradução. Se referindo ao “coquetel” de medicamentos utilizado por pessoas vivendo com HIV, há a seguinte sentença na sexta imagem do texto fonte: “E apenas 2% das pessoas que fazem seu uso apresentam algum tipo de efeito colateral”. No processo tradutório, ela foi reelaborada em Libras, mantendo-se o sentido:

Figura 11 – QR code de explicação de modulação.



Link para acesso: <https://youtu.be/IIJw341Lvdl>

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

#### 5.4 Nos moldes do texto fonte

O Instagram, plataforma onde se encontra o texto fonte, tem uma funcionalidade conhecida por usuários como “carrossel”, em que uma mesma publicação pode hospedar até 10 imagens e/ou vídeos em sequência (exemplo disposto na figura 12). O texto fonte foi estruturado dessa maneira e, para seguir o fluxo visual criado através do “carrossel”, a tradução não foi feita em um vídeo de longa duração, e sim de forma fracionada. Cada imagem do “carrossel” foi traduzida de forma individual, resultando em vídeos curtos de poucos segundos.

Figura 12 – QR code de demonstração do funcionamento de um “carrossel” do Instagram.



Link para acesso: <https://media.giphy.com/media/Spww5vm147KhZ7DdG9/giphy.gif>

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Continuando no ritmo de adequação ao “carrossel”, usamos as próprias imagens, sem o conteúdo verbal, como fundo para os vídeos gravados. Substituindo, em linhas gerais, o texto em Português pelo texto sinalizado. O único recurso verbal em Português mantido foi o título do carrossel, “Meu teste de HIV deu positivo. E agora?” Alguns dos elementos

iconográficos precisaram ser movidos de posição nas imagens para que a imagem do intérprete permanecesse no mesmo lugar, evitando confusão visual. Dessa forma, os recursos visuais permaneceram, mantendo o efeito pensado pelo design idealizado para a sequência de imagens. As alterações na iconografia foram realizadas através do programa Adobe Photoshop, enquanto os vídeos foram confeccionados por meio do aplicativo Capcut. A tradução completa com o que se avaliou como sendo o formato adequado para o gênero postagem em formato carrossel também foi produzida e disponibilizada no Instagram (figura 13).

Figura 13 – QR code do produto final da tradução, publicado no Instagram.



Link para acesso: <https://www.instagram.com/p/CSUS4iHHXfb/>

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Conforme Amorim (2019), o uso de sobreposição de informações visuais ainda é um tema em discussão acadêmica. Em suas reflexões, a autora considerou que evitar ruídos comunicacionais (resultantes da sobreposição) é algo válido, mas não deve ser a regra: “O ruído de leitura pode ocorrer, caso o recurso concorra com a sinalização, atrapalhando de fato a compreensão. Os recursos podem ser usados como informações complementares” (AMORIM, 2019, p. 52). A visão é compartilhada por Krusser (2017): para ela, o uso de informações visuais adicionais em uma tradução pode servir de complemento, porém não deve interferir na interpretação. Tendo como base qualitativa dados do projeto *Signing Books for the Deaf*, a autora explicou que, em caso de sobreposição de informações:

É aconselhado o uso de imagens simples, no caso de imagens muito detalhadas ou complexas é sugerido que sejam mostradas em partes ou com ampliação de detalhes específicos. As imagens devem estar de acordo com o que está sendo sinalizado, evitando que criem algum tipo de conflito com a história (KRUSSER, 2017, p. 71).

Optamos pela utilização do recurso analisado por entendermos que os elementos visuais do texto fonte não causam ruídos comunicacionais e servem como um complemento às informações repassadas, como dito pelas autoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, o objetivo norteador deste trabalho foi refletir sobre o acesso da população surda a conteúdos informativos de saúde, especificamente aqueles relacionados à saúde sexual, tendo em vista o “tabu” e a “cortina de fumaça” informacionais gerados aos ouvintes e intensificados para os surdos. Ao longo do processo, certas decisões foram modificando os caminhos que pareciam concretos para o autor, como a inserção de uma discussão mais ampla sobre tradução audiovisual, produção em vídeo e os efeitos da atual era tecnológica (inclusive na educação humana).

Todos os debates e aportes teóricos levantados, estudados e cruzados foram de suma importância para a formação do tradutor ao terem possibilitado uma forma de enxergar a produção acadêmica da área e outros recursos auxiliares ao processo e ao produto tradutório. Além de impulsionar aprendizados inéditos (por ser uma “novidade” para nós a tradução de uma publicação do *Instagram*), esta tradução comentada reflete e consolida aquilo que aprendemos e esbarramos no decorrer da graduação.

Alguns destes aprendizados já conhecidos estão relacionados especificamente ao processo de comentário da tradução. Entender a tradução como uma prática que engloba demandas além do ato tradutório propriamente dito (como reflexão e comentários) foi um processo transformador, de comprovação da teoria, aprendida em classe, com uma prática que foi, apesar de dificultosa, fonte de prazer.

Paralelamente, o estudo da tradução audiovisual mais incisivo e aprofundado realizado pelo autor pode ser considerado também como resultante de novas percepções relativas ao seu acúmulo teórico e à sua profissão. Isso porque o decurso de compreender como se dá (e como ainda está sendo construída) esta área, principalmente associada às tecnologias recentes e emergentes da contemporaneidade e à produção de materiais educativos em vídeo, se mostrou desafiador, mas próximo, tendo em vista a atuação (pessoal e profissional) do autor em meio às redes sociais, às ferramentas de produção de vídeo e aos recursos tecnológicos em voga.

Vale ainda a problematização que esta pesquisa traz sobre a falta de acessibilidade das pessoas surdas a materiais como o que foi desenvolvido. Os tabus em torno do assunto não serão desmistificados se não pensarmos em uma forma eficaz de difundir o assunto, até mesmo em meio à população ouvinte. Materiais com apoio visual e vídeos em Libras, ainda mais se hospedados na Internet, têm certa eficiência quando comparados a textos apenas em Português, podendo, assim, ser este um passo em direção a uma resolução do problema.

Outra questão apresentada foi a de que gêneros podem surgir a todo o tempo. Gêneros emergentes, gêneros multimodais, híbridos, etc. A tradução proposta neste trabalho tentou se adequar da melhor forma ao post do *Instagram*, um tipo de texto fonte que anos atrás não existia. Logo, se as formas de comunicação se ampliam, as possibilidades da maneira de se traduzir também. Nesta pesquisa foi a área de Tradução Audiovisual que serviu de apoio para o autor. Todavia os horizontes da ET são vastos; é preciso lembrar disso.

Tendo isso em vista, espera-se que este trabalho funcione como propulsor de outros na mesma linha de pesquisa, que futuras traduções possam ser pensadas da mesma forma e que outras questões semelhantes sejam abordadas e pesquisadas. Afinal, vivemos em constante movimento de descoberta de novas tecnologias e novos meios de comunicação, cenário propício para a reflexão sobre as traduções, suas características, suas pretensões e seus limites. O produto final desta tradução não ficou polido como se pretendia no início desta jornada, mas compreende-se que foi feito o possível mesmo mediante certas limitações físicas (estúdio, câmera, programas de edição) e sociais (resultantes da pandemia de Covid-19). Pensamos na possibilidade de refazer o material em um momento futuro oportuno, com maior rigor técnico, de modo a publicá-lo e disponibilizá-lo a um público amplo.

## REFERÊNCIAS

ALBIR, Hurtado Amparo. **Traducción y Traductología – Introducción a la traductología**. Madri, Espanha. Editora Cátedra. 2011.

ALBRES, Neiva Aquino. Tradução comentada de/para línguas de sinais: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, ed. 3, p. 425 - 451, 2020. DOI <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a33672>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33672>. Acesso em: 04 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Traduções comentadas de poesias em e traduzidas para línguas de sinais: um método de pesquisa em consolidação. **Revista Araticum**, Montes Claros, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/download/2739/2696>. Acesso em: 04 abr. 2021.

ALMEIDA, Rebeca et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 5, 2017.

AMORIM, Walquíria. **Luz, Câmera, Edição**: recursos gráficos visuais para traduções acadêmicas de Português/Libras em videoprovas. 2019. Dissertação (Mestre em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: Uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990. ISBN 8571130329.

BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **Estudos de Tradução I**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BENTO, Isabel Cristina Belasco. **Educação preventiva em sexualidade, IST/Aids para o surdo através da pesquisa-ação**. 2005. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

BRASIL. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Brasília, 22 dez. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 17 fev. 2021.

CAPURRO, R. Dores e delícias da era digital. Entrevista concedida à **Revista Cult**, Ano VII, no. 93, abril de 2013, p.5-13.

CASTILHO, Leonardo. **O que é PreP e Pep? HIV e AIDS?** [S.l.], 30 mai. 2020. Instagram: @leocastilho. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CA0-kU2JjYX/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Continuação: PEP, PrEP e TARV!** [S.l.], 8 ago. 2020. Instagram: @leocastilho. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CDpR2O6JUXd/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

COLLET, Thaís. **O mercado de tradução audiovisual no Brasil**: formação e demanda. 2016. 292 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

COSTA, Fabricio Veiga; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes. Doação de sangue por homens gays no Brasil: um estudo crítico dos efeitos jurídicos da ADI 5543 a

partir do posicionamento do STF. **Revista Jurídica**, [S.l.], v. 2, n. 59, p. 677-702, 2020, fev. 2021. ISSN 2316-753X. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/4984/371373118>>. Acesso em: 10 abr. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/revistajur.2316-753X.v2i59.4984>.

COSTA, Valéria Machado da; ARAÚJO, Luciana Danielli de. A importância da imagem. In: COSTA, Valéria Machado da. **Orientações para acessibilidade na produção de materiais educativos em saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Icict, 2019. Disponível em: [https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/acesibilidade-sus/downloads/modulo\\_5/Apostila-acesivel\\_mod5\\_parte1.pdf](https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/acesibilidade-sus/downloads/modulo_5/Apostila-acesivel_mod5_parte1.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.

SILVA, Rodrigo Custódio. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise**. 2019. 241 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

DÍAZ CINTAS, Jorge. **The didactics of audiovisual translation**. Amsterdam: John Benjamins, 2008. 263 p.

DIONISIO, Angela Paiva. **Gêneros textuais e multimodalidade**. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FELIPE, Tânia Amaral. **LIBRAS em Contexto**. Rio de Janeiro: FENEIS, 2005.

FERREIRA, Lisbeth. **Tradução Audiovisual: A Lendagem para s/Surdos nos quatro canais de sinal aberto da televisão portuguesa**. Faculdade de Letras da Cidade do Porto, Portugal, 2010.

GALINDO NETO, NM et al. Tecnologias para educação em saúde de surdos: revisão integrativa. **Texto Contexto Enfermagem**, [s. l.], p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0221>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GANTOIS, Clara; LEMOS, Mariana; BRISA, Mateus; LACERDA, Pedro Victor. **O que a imunodeficiência carrega**. 2018. Disponível em: <https://medium.com/midium/o-que-a-imunodeficiencia-carrega-aa9582feab78>. Acesso em: 17 fev. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Stigma: Notes on the management of spoiled identity**. Simon and Schuster, 2009.

GREGGERSEN, Gabriele. **Da mente do criador à mente do tradutor: tradução comentada de The mind of the maker de Dorothy L. Sayers**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014. Disponível em: [http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Gabriele\\_Greggersen\\_-\\_Tese.pdf](http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Gabriele_Greggersen_-_Tese.pdf). Acesso em: 04 abr. 2021.

GUERINI, Andréia. **Introdução aos estudos da tradução**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

HENRIQUE, Dyego Ramos. **Língua de Sinais Brasileira: análise de campanhas do Ministério da Saúde na perspectiva da pessoa surda**. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

HEREK, Gregory M. AIDS and stigma. **American behavioral scientist**, v. 42, n. 7, p. 1106-1116, 1999.

JAKOBSON, Roman. “Aspectos linguísticos da tradução” in **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, pp. 64-5.

KARHAWI, Issaaf et al. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, v. 17, p. 46-61, 2017.

KRUSSER, Renata. **Design editorial na tradução de Português para Libras**. 2017. Tese (Doutora em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

LÉON, Mario, **Manual de interpretación y traducción**. Madri, Espanha. Ediciones Luna, s.l.; 1ª ed., 1ª imp. Edition: 2000.

LESSA RTC, ANDRADE EGS. **Libras e o atendimento ao cliente surdo no âmbito da saúde**. Rev. Cient. Sena Aires. 2016; 5(2): 95-104.

LIMA, Ana Priscila Marques. **Construção e validação de vídeo educativo sobre infecção sexualmente transmissível para surdos**. 2020. 127 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, 2020.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. **São Paulo em Perspectiva**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 51-56, jun. 2000. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88392000000200008>.

NAÇÕES UNIDAS (org.). **Estudo da ONU revela que mundo tem abismo digital de gênero**. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693711>. Acesso em: 14 mar. 2021.

NASCIMENTO, Vinícius; NOGUEIRA, Tiago. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. **Dossiê: Tradução & Transformação Social**, Vitória, v. 9, ed. 21, 2019.

PEREIRA, Gerson Fernando; CUNHA, Alessandro Ricardo; PINTO, Flavia Kelli; TANIGUCHI, Luciana Fetter; RIBEIRO, Rachel Abrahão; COELHO, Ronaldo de Almeida (org.). **Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2020**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. 68 p. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2020>. Acesso em: 17 fev. 2021.

PIMENTEL, Karine et al. Produção e avaliação de vídeos em libras para educação em saúde. **Revista Educação Especial**, [s. l.], v. 31, ed. 60, p. 181-196, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X24101>. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em: 18 ago. 2021.

POLCHLOPEK, Silvana; ZILPSE, Meta; COSTA, Maria José. Tradução como ação comunicativa: a perspectiva do funcionalismo nos Estudos da Tradução. **Revista Brasileira de Tradutores**, São Paulo, ed. 24, p. 21-37, 30 mar. 2012.

PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO. **Seu teste de HIV deu positivo? Está tudo bem! Preparamos um guia simplificado dos primeiros passos. Deslize para o lado!** [S.l.], 14

out. 2020. Instagram: @precisamosfalarsobreisso. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGVpdBUgD3j/>. Acesso em 10 jan. 2021.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2004.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Texto Digital**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 117-133, 21 dez. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2p117>.

RIGO, Natália Schleder. **Tradução Comentada**: Traduzibilidade poética na interface libras-português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em “Bandeira Brasileira” de Pimenta (1999) de Saulo Xavier de Souza. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Letras Libras. Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/114746>.

ROSA, Andrea da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. 215p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251951>. Acesso em: 05 nov. 2021.

ROSSI, Thiago William Teles. **Cartilha “O Ministério Público e os direitos de LGBT”**: tradução comentada do português para Libras. 2018. 69 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Letras – Língua Brasileira de Sinais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SANTAELLA, Lucia. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, v. 9, n. 2, p. 206-216/Eng. 211-221, 2014.

SAÚDE, Ministério da (org.). **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>. Acesso em: 17 fev. 2021.

SOBRAL, Adail. **Dizer o ‘mesmo’ aos outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

SOUZA, Felipe de Lima. **Tradução Comentada com Uso de Glosas do Artigo**: “O Intérprete de Libras e a Inclusão Social do Surdo”. Orientador: Débora Campos Wanderley. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras/Libras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Fortaleza, 2020.

TEDESCO, Janaina dos Reis; JUNGES, José Roque. Desafios da prática do acolhimento de surdos na atenção primária. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 29, p. 1685-1689, ago. 2013.

TEIXEIRA, Adriano; BRANDÃO, Edemilson. Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social. **Novas Tecnologias na Educação**, Farroupilha, v. 1, ed. 1, 2003.

THOMA, A. S. et.al. **Relatório sobre a política linguística de educação bilíngue**: língua brasileira de sinais e língua portuguesa, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>. Acesso em: 18 ago. 2021.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Por que e como pesquisar a tradução comentada?** In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (orgs.). *Literatura Traduzida: Tradução comentada e comentários de tradução volume dois*. Fortaleza, CE: Substância, 2017. p.15-35.

TRADUÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/traducao/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, ed. 26, p. 119-143, 18 out. 2010.

WANG, Jeremy. **Ban the ban: an argument against the 12 month blood donation deferral for men who have sex with men. An argument against the 12 month blood donation deferral for men who have sex with men.** 2018. Disponível em: <https://www.glaad.org/amp/ban-ban-argument-against-12-month-blood-donation-deferral-men-who-have-sex-men>. Acesso em: 14 mar. 2021.

WILLIAMS, J & CHESTERMAN, A. **The Map**: a beginner’s guide to doing research in translation studies. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

WITCHES, Pedro Henrique. A situação minoritária dos surdos e sua vulnerabilidade linguística na educação. **Cad. Cedes**, [s. l.], v. 41, ed. 114, p. 144-152, Maio-Agosto 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/CC239651>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/vSMv7BkhMg4ySzGpLqykDFr/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christiane. **A tradução comentada em contexto acadêmico**: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. Aletria, Belo Horizonte. v.25, n.2, p.331-352, 2015.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **Introdução aos Estudos da Tradução**: Teorias, história, reflexão e prática. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011. 124 p.

## ANEXO – SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO PARA A LIBRAS (FELIPE, 2005)

As línguas de sinais têm características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc.;

2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc.;

3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.

Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";

4. A datilologia ( alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico.

Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O*, *QUM* "quem", *N-U-N-C-A*, etc.;

6. Na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)", FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas oral-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f(expressão facial) "espantado" etc;

	interrogativa	exclamativo	muito
Exemplos:	NOME	ADMIRAR	LONGE

8. Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito.

Exemplos: pessoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR, etc;

9. Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar:

- i = ponto próximo à 1ª pessoa,
- j = ponto próximo à 2ª pessoa,
- k = pontos próximos à 3ª pessoa,
- e = esquerda,
- d = direita;

b) as pessoas gramaticais:

- 1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
- 1d, 2d, 3d = 1a, 2a e 3a pessoas do dual;
- 1p, 2p, 3p = 1a, 2a e 3a pessoas do plural;

Exemplos: 1s DAR2S "eu dou para "você",

2sPERGUNTAR3P "você pergunta para eles/elas",

kdANDARke "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me),

Exemplos: IGUAL (md) PESSO@-MUIT@ANDAR (me)

IGUAL (me) PESSOA-EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996)